

Volume
XVII

2º SEMESTRE DE 2019

ISSN 2237-3586

Verificação neológica no conto “São Marcos”, de Guimarães RosaStefany Silva do NASCIMENTO¹Odair José Silva dos SANTOS²**Resumo**

João Guimarães Rosa (1908-1967) é considerado um dos nomes de maior atuação e reconhecimento no cenário de revitalização da linguagem literária. Tendo em vista a extensa utilização de neologismos em sua narrativa e a maneira como tal uso refletiu mudanças características no cenário literário brasileiro, este artigo busca verificar e analisar os itens lexicais compreendidos como neologismos, tanto vocabulares quanto semânticos, em seu conto “São Marcos”, publicado na obra *Sagarana* (1946). Nessa perspectiva, pode-se observar o processo de criação da narrativa em estudo, compreendendo a importância do uso de determinados vocábulos em sua construção, assim como a relevância do estudo do processo de neologia lexical.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. “São Marcos”. Neologismo. Linguagem.

Abstract

João Guimarães Rosa (1908-1967) is considered one of the names of greater performance and recognition in the scenario of revitalization of literary language. Considering the extensive use of neologisms in his narrative and the way in which such usage reflected characteristic changes in the Brazilian literary scene, this article seeks to verify and analyze the lexical items understood as neologisms, both vocabular and semantic, in his sot stories “São Marcos” , published in the work Sagarana (1946). From this perspective, one can observe the process of creation of the narrative under

¹ Graduada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, CEP 85870-650, Foz do Iguaçu, PR. Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIFACVEST, CEP 88503-190, Lages, SC.

² Pós-doutorando e Doutor em Letras pela Universidade de Caxias do Sul, UCS, CEP 95070-560, Caxias do Sul, RS. Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Alagoas, IFAL.

study, understanding the importance of the use of certain words in its construction, as well as the relevance of the study of the lexicological neology process.

Keywords: *Guimarães Rosa. “São Marcos”. Neologism. Language.*

Introdução

A terceira fase do período modernista brasileiro, iniciada a partir de 1945, apresentou enriquecimento nas produções em prosa, quando comparada às fases anteriores do referido movimento literário (FARACO; MOURA, 1993). Tais produções podem ser compreendidas em três principais divisões: prosa de sondagem psicológica e prosa urbana, onde se nota amadurecimento desses modelos de narrativa que já haviam sido apresentados na segunda fase modernista; e prosa regionalista que, apesar de também tratar-se de uma retomada a partir de inovações anteriores, compreende-se como “uma das mais duradouras da literatura brasileira, com grandes inovações temáticas e linguísticas” (FARACO & MOURA, 1993, p. 238).

Tendo em vista que um dos autores de maior renome na produção prosaica referente à terceira fase modernista é João Guimarães Rosa³ (1908-1967), e que a obra do mencionado autor é permeada por neologismos, tanto vocabulares, quanto semânticos, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um breve levantamento dos itens vocabulares compreendidos como neologismos encontrados no conto “São Marcos”, publicado na obra *Sagarana* (1946). Assim, Coutinho (1983) explica sobre a importância da escrita Roseana no contexto da literatura brasileira:

Como tudo na vida, as formas da língua também envelhecem e se tornam completamente inexpressivas após o uso prolongado: palavras perdem o seu significado originário, expressões se tornam obsoletas, construções sintáticas inteiras caem em desuso e são substituídas por outras. Cabe, então, ao escritor, consciente de sua missão, refletir sobre cada palavra ou construção que utiliza e fazê-las recobrar sua energia primitiva, desgastada pelo uso. Em outras palavras, ele tem de revitalizar a linguagem. E é este processo de revitalização que Guimarães Rosa emprega em suas obras, conforme ele mesmo declara. (COUTINHO, 1983, p. 203)

³ João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, e faleceu no Rio de Janeiro. Foi contista, novelista e diplomata. Em 1930, formou-se em Medicina; sua estreia na literatura ocorreu em 1929, com a publicação do conto *O mistério de Highmore Hall* na revista *O Cruzeiro*.

Depois de afastada do centro da literatura brasileira, a temática regionalista passou, a partir da escrita de Guimarães Rosa, por transformações que a inseriram novamente no núcleo da ficção brasileira (BOSI, 1994).

Pode-se inferir que as modificações linguísticas realizadas pelo mencionado autor sejam a característica mais vívida em sua construção literária; Bosi (1994) constata que:

Após [a leitura de Guimarães Rosa) começou-se a entender de novo uma antiga verdade: que os conteúdos sociais e psicológicos só entram a fazer parte da obra quando veiculados por um código de arte que lhes potencia a carga musical e semântica. E, em consonância com todo o pensamento de hoje, que é um pensar a natureza e as funções da linguagem, começou-se a ver que a grande novidade do romance vinha de uma alteração profunda no modo de enfrentar a palavra. (BOSI, 1994, p. 485)

De modo geral, a obra de Guimarães Rosa problematiza temáticas sobre o sertão e seus habitantes que passam por um impasse existencial e a totalidade que o ambiente sertanejo possui, passando a representar o próprio mundo e a vida de quem o habita. Em suas construções literárias, podemos encontrar desde termos coloquiais típicos das regiões sertanejas, até expressões que caíram em desuso. A peculiaridade linguística de suas obras alcança, por consequência, várias dimensões que, como confirma Bosi (1994), desfazem as fronteiras entre a narrativa e a lírica.

Inserido nesse contexto, este artigo apontará, inicialmente, a contextualização do autor e da narrativa em estudo, partindo em um próximo momento para as definições acerca do conceito de neologismo. A seguir, apresentaremos o levantamento bibliográfico de expressões neológicas verificadas no conto, para que possamos, então, realizar reflexões sobre tais escolhas linguísticas realizadas pelo autor e, por fim, serão expostas as considerações finais.

1. Traços da narratividade em “São Marcos”

“São Marcos” é um dos contos constituintes da obra *Sagarana*⁴ (1946), conhecida por refletir uma mudança radical na temática regionalista da literatura brasileira. De acordo com Faraco e Moura (1993, p. 266), “o sertão que aparece [em

⁴ Além de “São Marcos”, os demais contos presentes na obra são *O burrinho pedrês*; *A volta do marido pródigo*; *Sarapalha*; *Duelo*; *Minha gente*; *Corpo fechado*; *Conversa de bois* e *A hora e vez de Augusto Matraga*.

Sagarana] não vai mais se limitar aos aspectos geográficos, [visto que] dilata seus limites para simbolizar o próprio universo”.

Os nove contos de *Sagarana* (1946) trazem a representação do ambiente sertanejo da região de Minas Gerais. Lins (1994) afirma que essa é uma obra que amplia o território cultural da literatura brasileira, por meio de sua contribuição autêntica e insubstituível, trazendo à tona também o nome do escritor que, até então, não era popularmente conhecido. Nesse sentido, sobre as personagens da obra, Santos (2016) explica:

Personagens como Lalino Salãthiel, Turíbio Todo, Cassiano Gomes, Manuel Fulô, Augusto Matraga e Joãozinho Bem Bem servem como representação da identidade regional do sertão mineiro descrito por Guimarães Rosa, uma vez que estão imersos em características que constroem algumas das especificidades de um local específico: o sertão mineiro. (SANTOS, 2016, p. 12)

Coutinho (1983) aclara que o já o título da obra, *Sagarana*, “composto da raiz germânica *saga* e do sufixo tupi *rana*” (1983, p. 208), evidencia a posição do autor em relação à linguagem, visto que a hibridização presente na constituição vocábulo, resultante de uma junção de dois idiomas sem ligações entre si, indica o rompimento que Guimarães Rosa fez questão de fazer com os padrões estéticos de sua época.

Em “São Marcos”, o narrador personagem, José, nos conta uma história que ocorreu com ele, homem considerado culto e que não acredita em feitiços, bruxarias e superstições. Izé, como também é chamado, mudou-se para Calango-Frito, e em umas de suas caminhadas pela região é surpreendido por uma cegueira repentina que o atinge. É nesse contexto que “o foco do conto torna-se o místico, aquilo que é sobrenatural e age de modo inacreditável sobre os moradores de Calango-Frito, especificamente, o feitiço” (SANTOS, 2017, p. 402).

Atordado em um momento de desespero ocasionado pelo misterioso incidente, José, que é o protagonista da narrativa, faz uso dos demais sentidos para conseguir movimentar-se pelo caminho, e fazendo uma oração chamada *Oração de “São Marcos”*, caminha em certa direção encontrando orientação pelos ruídos do vento. Ao chegar à cabana do feiticeiro João Mangolô, o personagem descobre que a cegueira foi resultado de um feitiço realizado contra ele, meio pelo qual João pretendeu lhe ensinar a respeitar os costumes da região. É nesse sentido que Santos (2017) caracteriza a narrativa:

No contexto de realismo mágico, narrado em primeira pessoa, o conto “São Marcos”² é apresentado sob a perspectiva de João e suas experiências no povoado de Calango-Frito quanto ao universo da feitiçaria. Praticamente cético, o narrador relata um dia que sai para caçar e dois encontros ao longo do caminho de ida marcam a história: primeiro com João Mangolô, segundo com Aurísio. Após esses dois encontros, entrando na mata, o narrador fica completamente cego, vítima de um feitiço, encontrando-se desesperado. (SANTOS, 2017, p. 393)

A partir do acontecimento atípico que assolou José, ele leva um choque que o faz refletir de maneira diferenciada acerca da cultura e do mistério que envolvem a região, e também precisa, indo além de sua racionalidade comum, acreditar em seus demais sentidos, e não mais em sua visão, para que conseguisse, mesmo cego, caminhar. Sobre o caráter do realismo mágico do conto, Santos (2017) explica:

No caso específico de “São Marcos”, o que marca o seu realismo mágico, visto como antropológico, é o mundo de feitiçarias vivido no povoado de Calango-Frito e a rede de superstições e crenças de seus moradores, vistos aos olhos do narrador, que experencia e relata o fato de sofrer um feitiço realizado por João Mangolô. (SANTOS, 2017, p. 404)

Nota-se que José acredita que a verdade e a certeza estão centradas na razão, e por isso não toma os feitiços e magias locais como acontecimentos reais, porém, quando tomado pela cegueira, põe em questionamento a certeza de que a razão oferece todas as respostas.

2. Neologismos: definições

Uma das principais características de uma comunidade linguística é o léxico, pois este “constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 09). Assim, o Léxico de uma língua – como um sistema aberto e em constante expansão – está sujeito sempre à incorporação de novos vocábulos em sua estrutura. A linguagem literária apresenta algumas especificidades quando com parada a não literária, Proença Filho afirma que:

A fala comum se caracteriza pela transparência. O mesmo não acontece com o estilo literário. Este se encontra a serviço da criação artística. O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associou uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas

palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele emoções profundas, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais. (PROENÇA FILHO, 1990, p. 08)

Determinados gêneros discursivos têm como característica a objetividade, visto que isso diminui a possibilidade de diversas interpretações que pode em, alguns casos, prejudicar a interpretação. É o caso, por exemplo, das bulas de remédios e receitas. Todavia, os textos literários não seguem essa tendência, pois podem oferecer ao leitor mais de uma possibilidade de interpretação sem que isso prejudique sua compreensão. De acordo com Proença Filho (1990), é possível notarmos, ao observarmos a linguagem literária, que ela possui um alto índice de multissignificação, que constitui uma das marcas fundamentais do texto literário.

Gêneros pertencentes à esfera literária não têm um compromisso fiel com a realidade, e isso pode ser observado a partir de termos e expressões utilizados em sua construção, Proença Filho (1990, p. 25) afirma que “o texto literário envolve as dimensões universais, individuais, sociais e históricas, mas de forma peculiar”.

Partindo da ideia dessa diferença existente entre linguagem literária e não literária, os neologismos empregados em textos literários apresentam, por conseguinte, uma distinção quando comparados aos utilizados fora deles. Valente (2012) destaca que a abordagem dos neologismos literários deve ser distinta dos demais neologismos da língua, posto que esses últimos não possuem as especificidades pertencentes aos neologismos literários.

Na literatura, a escolha, por parte do autor, de determinados itens lexicais busca objetivos específicos. No caso dos neologismos, muitas vezes, eles portam uma característica lúdica que visa a despertar a atenção do leitor e levá-lo a participar do jogo proposto pela obra. Por isso, frequentemente, eles possuem como características a efemeridade e a circunstancialidade, típicas da neologia estilística. Alves ressalta que:

A unidade lexical neológica pode ser criada por razões estilísticas e, nesse caso, contribui para causar efeitos intencionais – estranhamento, ironia, cor local... – em uma mensagem. Além do efeito estilístico, o item lexical recém criado denomina também novas realidades e novos conceitos. (ALVES, 1990, p. 86)

Podemos perceber que o neologismo literário demonstra subjetividade, além da visão e ideias do autor que, através de sua criatividade linguística, coloca no texto

literário, por meio da linguagem utilizada, determinadas ideologias que serão transmitidas aos leitores.

Além da ludicidade há a questão do registro, à medida que os neologismos podem se revelar como traços linguístico-culturais de uma dada comunidade que realiza alterações no léxico de um idioma, produzindo novos significantes e/ou significados.

Na língua portuguesa brasileira, a ocorrência dos neologismos ocorre devido ao fato de a língua ser um fenômeno vivo, heterogêneo, em constante transformação e adequação. Transformações e evoluções sociais e culturais são refletidas, como explica Contiero (2014) em modificações no acervo lexical de uma língua. Dessa maneira, diferentes situações exigem que ela seja moldada de modo a se aperfeiçoar aos momentos de uso. Segundo Alves:

O acervo lexical de todas as línguas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades lexicais é criada pelos falantes de uma comunidade linguística. (ALVES, 1990, p. 05)

Coutinho (1972) define os neologismos como palavras ou expressões novas que são introduzidas em uma língua, considerando o processo de sua criação como algo favorável na medida em que, pretendendo satisfazer necessidades linguísticas, resultam em enriquecimento para a língua na qual ocorre.

De acordo com Valente (2012, p. 11), o neologismo é “uma palavra nova, inventada, não dicionarizada, [que] corresponde à criação vocabular que, em determinado estado da língua, acrescenta uma novidade ao léxico”, e pode ser dividido em neologismo vocabular e neologismo semântico. O primeiro ocorre quando um novo significante é criado, visando a atender à determinada necessidade, enquanto o neologismo semântico corresponde à atribuição de um novo significado a um significante já dicionarizado. Em suma, neologismo vocabular é um novo item lexical, e neologismo semântico, um novo sentido dado a um vocábulo.

Um neologismo é criado a partir da língua, que é um sistema linguístico, ou seja, não surge de maneira eventual, mas sim como resultado de uma ação sistematizada. Valente (2012) afirma que para realizarmos a criação de novas palavras, devemos partir da combinação dos elementos estruturais do sistema linguístico, Alves (1990), reforçando a ideia, assevera que o processo de criação de um neologismo é realizado de

maneira consciente, e a partir dela o criador sabe que está atuando em um processo inovador, produzindo novas unidades lexicais. Ao produzir um novo item lexical ou atribuir um novo sentido a um vocábulo existente, o produtor parte do conceito que tem em mente para, na sequência, expressá-lo linguisticamente da maneira mais adequado à situação (MARONEZE, 2014).

Por outro lado, o neologismo, de acordo com Biderman (2001, p. 203), “é uma criação vocabular nova, incorporada à língua”. E, segundo a mesma autora, os neologismos podem ser de dois tipos, conceptual ou formal.

O neologismo conceptual é uma acepção nova que se insere ao campo semasiológico de um significante qualquer. É possível perceber nesses casos a ampliação de um campo semântico através de novas conotações que vão sendo dadas a um significante. Como foi o caso do lexema “comunidade”, apresentado pela autora, que teve sua significação ampliada no decorrer do tempo (BIDERMAN, 2001, p. 203).

Já o neologismo formal é “uma palavra nova introduzida no idioma” (BIDERMAN, 2001, p. 206). Pode se tratar de um termo vernáculo ou empréstimo estrangeiro (*clique, microssistema*, por exemplo). Configurando-se, às vezes, como uma lexia complexa (*paraíso fiscal*), expressão idiomática (*acabar em pizza*) ou gíria (*paquera*).

O uso do sistema linguístico está diretamente relacionado com as necessidades sociais e culturais e, como assegura Latorre (2013), essa relação acarreta uma renovação do sistema que recebe novos signos ou novos significados atribuídos aos signos já existentes; esse processo, por sua vez, resulta na continuidade de determinada língua.

A partir desse contexto, percebemos que “o estudo da neologia lexical de uma língua permite-nos analisar a evolução da sociedade que dela se utiliza, pois as transformações sociais e culturais refletem-se nitidamente no acervo do léxico dessa comunidade” (ALVES, 1994, p. 87). Evidencia-se então que, neologismos como os encontrados, marcam culturalmente situações novas, novos modos de nomear e/ou significar, o que revela o léxico como “a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 09).

3. Neologismos e a obra roseana: o caso de “São Marcos”

Esta seção traz os vocábulos compreendidos como neologismos em “São Marcos” (1946). Eles estão divididos nas duas categorias propostas por Valente (2012) de neologismo vocabular e neologismo semântico. Para a verificação dos itens lexicais, foram utilizados os dicionários *Caldas Aulete*; *Houaiss*; *Michaelis*; e *VOLP - Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, ambos em suas versões eletrônicas, visando a uma maior atualização de seus verbetes. É importante salientar que os dicionários *Caldas Aulete*; *Houaiss* e *Michaelis* trazem as definições dos itens lexicais, enquanto o *VOLP - Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, apresenta a existência, ou não, de determinado item no léxico da língua portuguesa brasileira.

Em nossa observação analítica, foram encontrados onze itens lexicais compreendidos como itens neológicos, sendo oito considerados neologismos vocabulares, e três conceituados como neologismos semânticos. Tais vocábulos são *antecauda* (p. 241); *horrorendo* (p. 243); *mesmeiros* (p. 244); *cobreou* (p. 245); *capadões* (p. 246); *dissido* (p. 251); *multicrescem* (p. 256); *marinhando* (p. 258); *equatiza* (p. 258); *nevada* (p. 259) e *amarimbondadas* (p. 260).

Nos dicionários utilizados em nossa pesquisa para verificação dos vocábulos não foram encontrados registros dos seguintes itens lexicais: *antecauda*; *horrorendo*; *mesmeiros*; *dissido*; *multicrescem*; *marinhando*; *equatiza* e *amarimbondadas*. A partir do resultado de busca e verificação, concluímos que os vocábulos citados são neologismos vocabulares, dado que correspondem a novos significantes criados pelo autor na construção de sua narrativa, não apresentando registros nos dicionários de língua geral.

Já *cobreou*; *capadões* e *nevada* foram encontrados na busca realizada, todavia, suas ocorrências nos dicionários apresentam definições e sentidos que diferem dos presentes no texto literário. Dois deles, *cobreou* e *capadões* não estão registrados no *VOLP - Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, não sendo, da seguinte maneira, considerados itens pertencentes ao léxico da língua portuguesa no Brasil; já o item lexical *nevada* se encontra nos registros.

O vocábulo *cobreou* não foi encontrado nos dicionários *Caldas Aulete* e *Houaiss*. Já no dicionário *Michaelis*, é apresentado como sinônimo de *acobrear*, sendo definido como “dar ou adquirir aparência de cor cobre” e “revestir com uma camada de cobre”.

No conto de Guimarães Rosa, a expressão é empregada como um movimento realizado por um cavalo que derrubou a personagem que o estava montando: “Justo no momento, o cavalicoque **cobreou** com o lombo, e, com um jeito de rins e depois um desjeito, deu com o meu homônimo no chão” (ROSA, 1946, p. 245).

Na sequência, o vocábulo *capadões* também não apresentou registros nos dicionários *Caldas Aulete* e *Houaiss*, sendo definido no dicionário *Michaelis* como sinônimo de *capadócio* que, por sua vez, possui seis definições: “relativo ou pertencente à Capadócia, província central da Ásia Menor”; “que ou aquele que se dá ares de importância; convencido, metido, pernóstico”; “que ou aquele que é falto de inteligência; bronco, burro, tapado”; “que ou aquele que vive de explorar a boa fé das pessoas; embusteiro, farsante, impostor”; “que ou aquele que tem maneiras acanhadas; cafajuste, crápula, velhaco” e “que ou aquele que toca e/ou canta à noite sob as janelas da namorada”.

Na narrativa em análise, a expressão é utilizada com o sentido de *porcos*, fazendo referência ao animal: “E fui, passando perto do chiqueiro — mais uma manga, de tão vasto, com seis **capadões** super acolchoados, cegos de gordura, espapaçados, grunhindo, comodistas e educados malissimamente. Comer, comer, comem de tudo: até cobra pois nem presa de surucucu tapete não é capaz de transfixar lhes os toucinhos. Mas, à meia-noite, não convém a gente entrar aqui, porque todo porco nessa hora vira fera, e até fica querendo sair para estraçalhar o dono ou outro qualquer cidadão” (ROSA, 1946, p. 246).

Por fim, o vocábulo *nevada* é definido nos dicionários *Caldas Aulete*; *Houaiss* e *Michaelis* como, respectivamente, “A quantidade de neve que cai de uma vez”; “Fenômeno de formação e queda de neve” e “Formação ou queda de neve”.

Em “São Marcos”, o termo é usado com o sentido de *cor branca*, se referindo às penas brancas dos patos que estão flutuando sobre as águas da lagoa: “A lagoa está toda florida e **nevada** de penugens usadas que os patos põem fora. E lá está o João-Grande, contemplativo, ao modo em que eu aqui estou, sob a minha corticeira de flores de crista

de galo e coral. Só que eu acendo outro cigarro, por causa dos mil mosquitos, que são corja de demônios mirins” (ROSA, 1946, p. 259).

A partir das definições e usos expostos até aqui, constatamos que os itens lexicais *cobreou*, *capadões* e *nevada* são considerados neologismos semânticos, dado que apresentam, na narrativa de Guimarães Rosa, sentidos que diferem dos indicados nos dicionários consultados.

Pôde-se notar que a linguagem utilizada por Guimarães Rosa buscou representar a fala sertaneja, levando o leitor que se depara com ela a toda uma ambientação que envolve as personagens sertanejas da narrativa. O uso neologismos nas falas de um personagem narrando algo que aconteceu consigo buscou refletir a oralidade bastante presente nas obras de Guimarães Rosa, à medida que percebemos que há “uma proximidade muito grande com os contos populares de tradição oral, como se seus leitores se revestissem do papel de narratário e sentasse a uma roda para ouvir histórias” (SANTOS, 2017, p. 404).

Na esteira dessas ideias, aclaramos que, a partir da intenção de retratar suas criações de maneira que marcas da oralidade típicas dos falantes das regiões do sertão fossem expostas, o texto produzido por Guimarães Rosa trata-se de uma prosa poética que expõe a realidade linguística do sertão de maneira espontânea, sem perder a autenticidade e originalidade do autor.

Considerações finais

A partir das observações e verificações realizadas no presente estudo, pôde-se demonstrar que a narrativa *São Marcos* (1946) traz em sua construção itens neológicos que, enquanto uma das características mais recorrentes na obra de Guimarães Rosa, evidenciam a maneira como o referido autor fez uso de recursos linguísticos em suas construções literárias que contribuíram para um processo de renovação na linguagem literária do cenário brasileiro.

Coutinho (1983) assevera que o autor, considerando que a linguagem em sua forma vigente não era eficaz para representar a realidade em sua totalidade dinâmica, pois estava cristalizada em clichês e fórmulas pré-estabelecidas que não transmitiam

ideias, mas apenas rotinas, rompeu devidamente com o automatismo linguístico, construindo suas narrativas de forma altamente poética.

A partir da verificação analítica realizada no presente estudo, foi possível compreendermos que o conto “São Marcos” (1946) é uma construção narrativa que pode ser considerada um exemplar tanto da temática regionalista abordada no período Modernista da literatura brasileira, quanto das inovações linguísticas buscadas pelos autores do movimento, alcançando com maior maestria por Guimarães Rosa.

Desse modo, entendemos que a leitura efetivamente compreensiva da narrativa de Guimarães Rosa constitui-se como um processo que vai além da leitura do significante presente na estrutura do texto literário, alcançando dimensões que envolvem o amplo sentido que acompanha a vocábulo, permeando todo um contexto social, histórico e econômico que envolve tanto as personagens, sujeitos fictícios na narrativa, quanto o autor e suas intenções na construção de sua obra literária.

Por fim, o estudo do fenômeno da neologia em uma língua mostrou-se, como corrobora Alves (1990), como concedente para refletirmos sobre a evolução de uma sociedade que faz uso da linguagem, refletindo, a partir desta utilização linguística, transformações sociais e culturais.

Referências bibliográficas

ALVES, I. M. **Neologismo: Criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CONTIERO, E. A dinâmica do léxico: A neologia de empréstimos no contexto da publicidade. In: ALVES, I. M.; PEREIRA, E. S. (Org.) **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas – Volume IV**. São Paulo: FFLCH/USP: 2014.

COUTINHO, E. F. Guimarães Rosa e o Processo de Revitalização da Linguagem. In: COUTINHO, E. F. **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira: INL, 1983.

COUTINHO, I. L. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

Dicionário Caldas Aulete – Aulete Digital. Página da web. Disponível em <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso de 29 de agosto de 2016 a 20 de setembro de 2016.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Página da web. Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso de 29 de agosto de 2016 a 20 de setembro de 2016.

FARACO & MOURA. **Língua e Literatura – Volume 3: 2º Grau**. São Paulo: Ática, 1993.

João Guimarães Rosa – Biografia. Página da web. Disponível em <<http://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/biografia>>. Acesso em 05 de setembro de 2016.

LATORRE, V. R. D. **Inovação lexical em *Fita verde no cabelo, Nova Velha História, de João Guimarães Rosa***. In: ALVES, I. M.; JESUS, A. M. R.; OLIVEIRA, L. P.; PEREIRA, E. S. (Org.) **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas**. Volume III. FFLCH/USP: São Paulo, 2013.

LINS, A. **Uma grande estreia**. In: ROSA, Guimarães. **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MARONEZE, B. Onomasiologia e Semasiologia: Uma distinção válida nos estudos de neologia? In: ALVES, I. M.; PEREIRA, E. S. (Org.) **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas – Volume IV**. São Paulo: FFLCH/USP: 2014

Michaelis – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Página da web. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso de 29 de agosto de 2016 a 20 de setembro de 2016.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** 2. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.

PROENÇA FILHO, D. **A Linguagem Literária.** São Paulo: Ática, 1990.

ROSA, J. G. **Sagarana.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1946.

SANTOS, Odair José Silva dos. Leitura(s) em ““São Marcos” ”, de Guimarães Rosa: narrador, narratário e realismo mágico. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 09, nº 01, jan/jul, 2017, p. 392-406.

_____. Nas águas de Guimarães Rosa: marcas de regionalidade em “Sagarana”. **Revista Magistro**, vol.2 n.14 (2016), p. 1-14.

VALENTE, A. **Neologia na mídia e na literatura.** Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa: VOLP. Página da web. Disponível em <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso de 29 de agosto de 2016 a 20 de setembro de 2016.